



OPINIÃO

ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE, ADESO À CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA PAN-AMERICANA

Rua Botafogo, 678 - CEP 90.150-050 - Porto Alegre - RS

ANO IV

NÚMERO 34

SETEMBRO/97

MOVIMENTO ESPÍRITA

O diálogo possível

A visita dos dirigentes da CEPA (Confederação Espírita Pan-Americana) ao Brasil mostrou que em amplos setores do movimento espírita há clima para o diálogo e para mudanças.



O presidente do C.E.E. Jose Herculano Pires, Geraldo Spindola(d), fazendo a apresentação de Jon Aizpurua, Pres. da CEPA.

EM PORTO ALEGRE, JESUS FOI POSTO EM SEU DEVIDO LUGAR

Na capital gaúcha, entre as múltiplas atividades com os dirigentes da CEPA, promovidas pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), destacou-se a magnífica conferência pública de Jon Aizpurua sobre "Jesus no Espiritismo"

EM SÃO PAULO, "HERCULANO PIRES" ADERIU À CEPA

Na reunião de Delegados da CEPA, na capital paulista, além de importantes decisões relativas à expansão da Confederação no Brasil, foi formalizada a adesão do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires aos quadros da CEPA.



Jon Aizpurua: "Espiritismo com Jesus, sim. Espiritismo cristão, não".

EM SANTA MARIA, KARDEC FOI O DESTAQUE

Na cidade coração do Rio Grande, a Sociedade Espírita Estudo e Caridade, por seu Departamento de Cultura Espírita, dirigido por José Antônio Budó, promoveu com os dirigentes da CEPA o "Encontro com o Pensamento Espírita" que atraiu cerca de 200 espíritas de várias cidades do Estado. O prefeito de Sta. Maria baixou decreto acolhendo o presidente da CEPA como hóspede oficial do Município.



Eunice Leite e Silva, presidente da S.E. Estudo e Caridade, apresentou os dirigentes da CEPA.

• Mais notícias sobre o Encontro de Delegados e Amigos da CEPA no Brasil, você encontra na Pag.3.

• Em Enfoque, na última página, Salomão Jacob Benchaya propõe a criação de pequenos grupos de estudos do espiritismo, retomando modelo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

EDITORIAL

A hora do diálogo

Sem dúvida, vivemos, os espíritistas, um dos momentos mais ricos do processo de avanço do pensamento espírita no Brasil.

Isso ficou plenamente comprovado com a recente visita do presidente da Confederação Espírita Pan-Americana, Jon Aizpuru, ao Brasil. Da vasta programação desenvolvida, cujo detalhamento aqui não caberia, houve episódios revestidos de importância tal que só o tempo poderá corretamente dimensionar. Um deles foi o fato de a União das Sociedades Espíritas de São Paulo - USE - haver franqueado seu auditório para que o dirigente da CEPA fizesse uma "palestra debate", promovida por uma associação de jornalistas espíritas, onde foram mostrados, com objetividade e clareza, a filosofia genuinamente kardecista da instituição e seu propósito de dialogar com todos os segmentos espíritas brasileiros.

Destaque também em São Paulo foi a formalização do ingresso na CEPA de um dos mais importantes e tradicionais centros espíritas locais, o Centro de Estudos Espíritas José Hercula-

no Pires que, mantendo seus históricos vínculos com a USE (uma instituição estadual), aderiu também àquela Confederação continental com cujos princípios programáticos e doutrinários concorda integralmente.

No Rio Grande do Sul, o exemplo de cortesia e de nobreza de atitudes, partiu precisamente do coração do Estado. Santa Maria,

centro geográfico do território gaúcho, fez-se também centro dos esforços de uma considerável parcela de espíritas de vários pontos do

Estado no sentido da compreensão e da vivência ampla da doutrina, assim como do diálogo com aqueles que, eventualmente, tenham alguma interpretação doutrinária diferente. Na Sociedade Espírita Estudo e Caridade, uma instituição não adesa à CEPA, o clima foi de fraternidade e o trabalho foi intenso e altamente proveitoso no sentido do avanço do

pensamento e da ação espírita, em rigorosa concordância com os postulados kardequianos, base sem a qual todo e qualquer esforço de união restará frustrado.

Na verdade, como salienta Aizpuru, há entre os espíritas 90% de concordâncias e 10% apenas de discordâncias em matéria doutrinária. Evidentemente, os pontos em que convergimos deveriam

ser por si suficientes para que em torno deles todos os espíritas se unissem. Já a pequena margem de questões onde não se logrou a concordância

unânime, ao invés de se tornar causa de ataques ou de exclusões explícitas ou implícitas, deveria, isto sim, ser estímulo ao debate aberto, franco e saudável.

Esse diálogo tem de se tornar possível. E o será. Historicamente, as instituições que coordenam o movimento espírita brasileiro têm recusado esse diálogo. Negam-se até à prática de pequenos

gestos de cortesia e de convivência, mesmo os meramente protocolares, com aqueles setores do movimento que adotaram uma visão diferente da sua. A mudança de mentalidade está partindo de baixo para cima. Os espíritas mais lúcidos estão se dando conta da necessidade do entrosamento, da troca de idéias, e da busca conjunta de uma unidade doutrinária.

Mais cedo ou mais tarde, todos teremos que entender que a conquista da unificação, da qual estamos bem distantes, passa, necessariamente, por algumas redefinições com base em princípios muito claramente presentes na codificação kardecista e que foram, paradoxalmente, esquecidos ou até deturpados.

A CEPA, por seu Presidente, com a delegação que o acompanhou, e por seus Delegados no Brasil, aqui reunidos no último mês de agosto, deixou claro que tem inarredável compromisso com esses princípios.

E é em nome deles, e sob o lema Trabalho, Solidariedade e Tolerância, que está propondo um amplo diálogo com todos os segmentos do movimento espírita.

"A pequena margem de questões onde não se logrou a concordância unânime deveria ser estímulo ao debate aberto, franco e saudável"

REGISTROS DA GRANDE IMPRENSA

O General Espírita

A revista Veja, de 20.08.97, sob o título "Farda com boas vibrações", revela informação até então muito pouco conhecida: o general Alberto Cardoso, ministro-chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, é espírita há mais de 15 anos. Espírita e médium. Segundo a matéria, ele estudou a fundo a doutrina espírita e chegou a receber mediunicamente uma entidade, o "Doutor Amaro". Diz a

notícia que Cardoso dirigia sessões de energização e cura na cidade-satélite de Guará, tendo informado a um amigo tratar-se de um trabalho intuitivo, mediante o qual teria, inclusive, curado uma menina cega. Tão logo, entretanto, essa sua atividade foi tornada pública, o general suspendeu as "operações espíritas" que realizava.

Gen. Alberto Cardoso, médium e espírita

Gen. Alberto Cardoso, médium e espírita



ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL
ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE,
ADESO À CONFEDERAÇÃO
ESPÍRITA PAN-AMERICANA

Departamento de
Comunicação Social
Rua Botafogo, 678

Menino Deus
CEP: 90150-050 - Poa - RS

Editor Chefe

Milton R. Medran Moreira

Colaboradores

Salomão Jacob Benchaya,
Donarson Floriano Machado,

Revisão

Anadir Bastos Guerreiro

Secretária

Tereza Samá Landart de Mayo

Fotografia

Walkir Landerdahl

Produção Gráfica

Imprensa Livre

Fone: (051) 249.5227/241.4757

E-mail: implivre@nuteccnet.com.br

Exemplar avulso: R\$ 1,00

Assinatura semestral: R\$ 5,00

NOTÍCIAS

Com novas adesões CEPA reafirma posição kardecista



No Encontro em S.Paulo: Milton Medran, Jon Aizpurua, Marissol Castello Branco, Hebe e Miguel Hernandez.

No Encontro de Delegados e Amigos da CEPA no Brasil, dias 16 e 17 de agosto, em São Paulo, dirigentes e delegados da Confederação Espírita Pan-Americana, reunidos na sede do Centro de Estudos Espíritos José Herculano Pires (nova adesa da CEPA), reafirmaram a postura genuinamente kardecista da entidade e decidiram intensificar a divulgação dos postulados da CEPA no país. Tendo Porto Alegre como sede de sua 2ª Vice-Presidência, os delegados da CEPA decidiram centralizar na capital gaúcha (Centro Cultural Espírita de Porto Alegre), que será sede do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano, os esforços de divulgação de sua filosofia. Na oportunidade, Salomão Jacob Benchaya, Presidente da Comissão Organizadora do XVIII Congresso da CEPA, coordenou a primeira reunião com vistas à organização do conclave, com integrantes da Comissão presentes em São Paulo.

Participaram do encontro, além de delegados de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, o presidente Jon Aizpurua (Venezuela), o 1º vice-presidente Ubaldo Omar Gimenez (Argentina), o 2º vice-presidente, Milton Rubens Medran Moreira, o 1º secretário e a secretária Executiva, Miguel e Hebe Hernandez (Venezuela), e os delegados na Argentina Dante Lopez e Mario Molfino.

No Encontro de São Paulo, o Centro Espírita Ângelo Prado, de Santos, formalizou pedido de adesão à CEPA.

Cajamar (SP) sedia VSBPE

O V Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (V SBPE), promoção cultural espírita da LICESPE - Livraria Cultural Espírita Editora -, de Santos, acontece de 21 a 23 de novembro na cidade de Cajamar (Grande São Paulo). Encerrado o prazo de inscrição de temas, informa a Comissão Organizadora estarem selecionados mais de 20 trabalhos sobre os mais diversos assuntos. Mas seguem abertas as inscrições para participar desse importante evento. A taxa de inscrição é de R\$ 100,00, que inclui, além da inscrição, hospedagem e alimentação. Pessoas interessadas apenas na inscrição e alimentação pagarão taxa de R\$ 80,00. Maiores informações podem ser obtidas na LICESPE: Rua Itororó, 111, Santos, Sp. CEP 11010.071. Telefax (013) 219.5920, ou por e-mail: <mspinola@usp.br>.

Maçonaria homenageia CEPA

A presença do presidente da CEPA em Porto Alegre motivou homenagem prestada pelo Grande Oriente do Brasil, Seção do Rio Grande do Sul, à Confederação Espírita Pan-Americana. Convidados pelo Dr. Altair Venzon, membro daquela instituição maçônica, o pres. Jon Aizpurua e o vice-presid. Milton Medran Moreira participaram, dia 22 de agosto, do "almoço da fraternidade", na sede do GOB/Rs., onde anfitriões e convidados destacaram os pontos comuns existentes entre a filosofia e objetivos da Maçonaria e do Espiritismo.

EM TÓPICOS

Milton R. Medran Moreira

O Menestrel

Duas figuras públicas da recente história do Brasil impressionaram-me vivamente. A primeira foi na década de 80, na fase em que o país se mobilizava pela redemocratização, pela anistia e por uma nova ordem política e social. Naquele tempo, um homem com sua saúde física totalmente comprometida por um insidioso câncer, vencendo todas as limitações, percorria este país continental, como um verdadeiro paladino dessas propostas libertárias. Era o senador Teotônio Vilela, conhecido, então, como "O Menestrel das Alagoas". Não o fazia por si, pois sua vida estava por um fio, e, pessoalmente, nada ganharia com sua luta política. Trabalhava por um ideal.

A Banalidade do Bem

A outra figura deixou-nos mês passado. Um ser de uma fragilidade física que dava dó. Mas de um gigantismo moral que causava espanto. Falo de Betinho que, segundo o jornalista Hélio Gaspari, fez do bem uma banalidade, com sua permanente indignação pela fome, pela exclusão social e por não concordar jamais com aqueles que consideram a fome, a falta de habitação ou o desemprego como fatos que fizessem parte da ordem natural das coisas.

O Santo Laico

Betinho não tinha partido político, nem cargo público, nem aposentadoria especial, nem religião. Aidético, nem futuro tinha. Sobre a vida após a morte alimentava sérias dúvidas desde que abandonou o movimento religioso a que pertencera na juventude. O bem que praticava não tinha qualquer sentido religioso, nenhuma busca explícita do divino ou desejo de recompensa. Quando de sua morte, Leonardo Boff escreveu, acerca da revolução por ele provocada no Brasil: "Essa revolução não se faz com mais religião, mas com mais ética, mais participação, mais democracia e mais solidariedade". Nessa mesma crônica, Boff propõe que o Papa, quando da visita ao Brasil, declare Betinho santo: "santo laico dos pobres, patrono da cidadania e profeta da democracia".

A Automatização do Bem

Ao evocar essas duas figuras públicas de nossa história recente, a reflexão que me ocorre é precisamente esta: a prática do bem não é necessariamente um valor religioso. Há, sim, pessoas que pela crença religiosa se transformam. Queimam etapas e se tornam sofridamente boas. Mas há outras para quem o bem é uma compulsão natural. Eles, independentemente de crença, de religião e até de esforço, não podem não fazer o bem. E não o fazem sofridamente. Fazem-no gozosamente. Automatizam-no. Para eles a religião não faz qualquer falta.

E o Espiritismo?

Não nos iludamos. Dia chegará em que também o Espiritismo será dispensável para fazer o homem melhor. Quando não mais tivermos dúvidas acerca das leis da vida, de sua compulsoriedade na perfectibilização do homem, o Espiritismo terá cumprido sua missão. Enquanto esse tempo não chega, temos ainda que fazer força para fazer o bem, lembrando-nos da sábia lição da questão 646 de O Livro dos Espíritos: o mérito do bem está precisamente na dificuldade de praticá-lo.

E-mail do colunista: medran@pro.via-rs.com.br

ENFOQUE

Os pequenos grupos

Salomão Jacob Benchaya (*)

Por ocasião do III Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, realizado em Santos-SP, de 3 a 6 de setembro de 1993, apresentei um trabalho denominado "Projeto Espiritismo em Grupos Informais" (Projeto EGI) cujo objetivo era estimular a formação de pequenos grupos para investigação, estudo e difusão do Espiritismo.

Na justificativa do projeto eu argumentava que a estrutura burocratizada dos grandes centros espíritas, os vícios da mentalidade místico-moralista e a alergia à cultura vigentes no movimento espírita contribuíam para a cristalização do pensamento espírita com grave risco à continuidade da Doutrina Espírita.

Por outro lado, destacava o crescente interesse da sociedade pelos temas relacionados com a transcendência do ser humano e, ainda, o fato de grande parte dos centros espíritas haver surgido a partir de pequenos grupos familiares, de intelectuais ou de amigos.

Estou voltando ao assunto por verificar que algumas experiências das quais tenho conhecimento tem se mostrado produtivas e promissoras, como é o caso do Grupo de Cultura Espírita Bageense, do Grupo de Estudo, Pesquisas e Difusão do Espiritismo de Rio Grande-RS, do Grupo Espírita da cidade de Manoel Viana-RS, para citar exemplos gaúchos, além do CPDOC-Centro de Pesquisa e Documentação, de Santos-SP, do NEU-Núcleo Espírita Universitário, de Londrina-PR e de outros cujo funcionamento gostaria de conhecer.

Esses exemplos tem sido citados pelo companheiro Milton Medran Moreira, editor do OPINIÃO e 2º Vice-Presidente da Confederação Espírita Pan-Americana (C.E.P.A.) como modelo estratégico para a divulgação do posicionamento desse organismo continental que propugna um Espiritismo comprometido com a proposta kardeciana. É interessante destacar que todos eles distanciam-se do modelo tradicional de casa espírita, do tipo assistencial-socorrista-prestadora de serviços, cujo público é constituído de "necessitados".

Nos grupos aqui mencionados, não existem "sessões públicas doutrinárias", "sessões de passes" e o trabalho assistencial, se existente, é realizado de forma não paternalista. O grupo se reúne periodicamente em dependência

alugada ou cedida, com número pequeno de pessoas que se propõem a estudar, pesquisar, investigar e divulgar o Espiritismo. A atividade cultural é predominante e os eventos organizados nessa área, estes sim abertos ao público, podem ser eventuais ou periódicos, gratuitos ou com taxa de inscrição, para cobertura das despesas, na sede de instituições espíritas ou em locais outros.

Inicialmente, esses grupos funcionam informalmente, podendo constituir-se, mais adiante, em sociedades civis que, diga-se de passagem, não necessitam de sede própria para funcionar.

Devo esclarecer, desde logo, que não sou contra as instituições tradicionais até porque faço parte de uma. Mas, sem dúvida, todas padecem de viciações do conservadorismo, da impregnação igrejeira e da falta de homogeneidade.

A sementeira evangélica, os esforços dedicados à prática da caridade e ao socorro imediato a ser prestado às multidões que acorrem às casas espíritas, embora mereçam absoluto respeito, inviabilizam a atualização do pensamento espírita como propunha Kardec. Difícil manter a qualidade dentro da quantidade.

A proposta de pequenos grupos é do próprio Allan Kardec que no item 334 de "O Livro dos Médiuns" diz que "... no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações." "As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo desnecessário nos pequenos grupos."

É curioso notar, ainda, que no Art. 17 do Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada por Allan Kardec, consta que "as sessões serão particulares ou gerais; nunca serão públicas" (grifo meu). Todos os membros da S.P.E.E. eram sócios e admitidas pessoas somente se já "iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que estejam seriamente animadas do desejo de nesta se instruírem." Ouvintes só eram admitidos às reuniões se apresentados por um sócio e com a permissão do presidente. E não eram curiosos

ou pessoas em busca da solução de seus problemas, mas que já haviam lido obras espíritas e manifestavam interesse em aprofundar conhecimento sobre o Espiritismo.

No Brasil, as reuniões públicas assumiram caráter proselitista e sectário. O atavismo religioso gerou, nas sociedades espíritas, um clima avesso ao questionamento ("cria desarmonia"), à cultura ("estimula a vaidade") e à investigação ("nada mais há a comprovar"). Aliado a isso, difundiu-se a idéia de intocabilidade da Doutrina Espírita que se sacralizou, imobilizando-se e dogmatizando-se.

Sinto que o rompimento com esse estado de coisas não se dará dentro das estruturas atuais do movimento espírita. Dizia eu, no Projeto EGI, que talvez o caminho seja levar o Espiritismo para além das paredes do Centro Espírita e começar tudo de novo.

O caráter de progressividade do Espiritismo deverá ser resgatado, acredito, pelos espíritas estudiosos, inquietos e não presos ao modelo vigente e aos pequenos grupos por reunirem pessoas interessadas no pensamento espírita, mais aptas, portanto, a produzir conhecimento. Multiplicados e diversificados - justamente o oposto de "unificados", que pensam igual - esses grupos, que nada impede que também funcionem dentro das instituições tradicionais, ensinarão o desenvolvimento de uma nova mentalidade doutrinária capaz de propulsionar o Espiritismo para as academias e influenciar efetivamente a sociedade em que vivemos.

(*) *Economista, 51, Delegado Especial da Confederação Espírita Pan-Americana. Presidente da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano. vice-presidente do CCEPA.*

OPINIÃO DO LEITOR

Ensino Religioso

Congratulo-me com o prezado amigo, editor de Opinião, pela lucidez (marca registrada de suas escrituras) com que abordou a questão do ensino religioso no OPINIÃO n. 32. Eu (56 anos), pai de três filhas (31, 27, 17), alvo de sérias críticas por não tê-las "inscrito" em nenhuma religião, quando pequenas, agradeço a Deus por ter três espíritos de escol em minha companhia, seja no trabalho (uma é médica), seja na ampla responsabilidade de vida.

Sugiro a CEPA, CCEPA, OPINIÃO, ABERTURA, que viabilizam aproximação dos espíritas do Paraná, mais especificamente os de Curitiba, afinados com a visão kardequiana da Doutrina.

Bruno Afonso Rodrigo (via e-mail)

Este espaço está aberto a nossos leitores. Envie sua opinião por carta ou através do e-mail de nosso editor: medran@pro.via-rs.com.br